

DONNA LEON REMÉDIOS MORTAIS

TRADUÇÃO
Carlos Alberto Bárbaro



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1999 by Donna Leon and Diogenes Verlag AG, Zurich
Proibida a venda em Portugal

O verso “ouro reduzido a aéreo pó”, citado na página 168, pertence ao poema “Em despedida: proibindo o pranto”, de John Donne, em tradução de Augusto de Campos.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
Fatal remedies

Capa:
Elisa v. Randow

Imagem de capa:
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação:
Julia de Souza

Revisão:
Valquíria Della Pozza
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leon, Donna
Remédios mortais / Donna Leon ; tradução Carlos
Alberto Bárbaro. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2012.

Título original: Fatal remedies.
ISBN 978-85-359-2188-5

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-ameri-
cana) I. Título.

12-11714

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1

A mulher caminhava em silêncio pelo *campo* deserto. À esquerda, impassíveis, as vitrines gradeadas de um banco vazio repousavam no impenetrável torpor das primeiras horas da madrugada. No meio do *campo* ela parou, ao lado das correntes baixas que isolam o monumento a Daniele Manin, mártir da independência da cidade. Bem a calhar, ela pensou.

Ao ouvir um ruído à esquerda, ela se voltou, mas era só um dos *Guardia di San Marco*, acompanhado de seu pastor-alemão, um cachorro babão que parecia muito jovem e amigável para amedrontar de fato os ladrões. Se achou estranho encontrar uma senhora parada no meio do *campo* Manin às três e meia da manhã, o guarda não demonstrou, e continuou em sua rotina de fixar retângulos de papel laranja nos batentes e próximos às fechaduras das lojas, a forma que tinha bolado para provar que cumprira suas rondas e que encontrara a vizinhança tranquila.

Assim que o guarda e seu cão partiram, a mulher se afastou da corrente baixa e se encaminhou para a frente de uma grande vitrine no outro lado da praça. À luz fraca que vinha de dentro, ela examinou os anúncios, leu os preços listados para as várias ofertas especiais e viu que ali aceitavam MasterCard, Visa e American Express. A tiracolo, no ombro esquerdo, ela levava uma sacola de praia azul, de pano. Com um giro de corpo, usou o peso do que havia na sacola, trazendo-a para a frente. Colocou a sacola no chão, olhou-a e, com a mão direita, alcançou seu interior.

Antes que pudesse pegar qualquer coisa, levou tamanho susto com o som de passos vindos de trás que arrancou a mão da sacola e pôs-se de pé. Mas eram somente quatro homens e uma mulher que, tendo acabado de descer do primeiro barco que parava no Rialto, o das três e catorze, atravessavam agora o *campo* rumo a alguma outra parte da cidade. Não deram a mínima para ela. O som de seus passos foi diminuindo enquanto cruzavam a ponte que conduzia à *calle della Mandola*.

De novo ela se abaixou e vasculhou a sacola, e desta vez sua mão saiu dali com uma pedra enorme, que passara muitos anos na mesa de seu estúdio. Havia trazido a pedra de umas férias em uma praia do Maine, há mais de dez anos. Do tamanho de uma grapefruit, encaixava-se perfeitamente na palma enluvada de sua mão. Olhou para baixo, para a pedra, e levantou a mão, chegando a jogá-la para cima e para baixo algumas vezes, como se fosse uma bola de tênis e estivesse na sua vez de sacar. Seu olhar correu da pedra para a vitrine e da vitrine novamente para a pedra.

Recuando uns dois metros, girou o corpo até ficar de perfil, sem no entanto desprezar os olhos da vitrine. Então, levantando a mão direita à altura da cabeça, ergueu o braço esquerdo como contrapeso, exatamente como o seu filho lhe havia ensinado certo verão, quando tentou treiná-la para que arremessasse como um rapaz e não como uma menina. Por um instante lhe ocorreu que sua vida, ou ao menos parte dela, poderia talvez se esfacelar com o que estava prestes a fazer, mas logo descartou aquilo como mera presunção melodramática.

Em um movimento abrangente impulsionou a mão para a frente com toda a força. Quando o braço se retesou completamente ela largou a pedra, dando um sobrepasso de mais ou menos meio metro, sem conseguir conter o momentum de seu próprio impulso. E foi este avanço que permitiu que ela abaixasse a cabeça e os cacos de vidro que explodiram da vitrine estilhaçada pousassem em seus cabelos sem feri-la.

A pedra deve ter se chocado com alguma fissura preexistente na vidraça, porque, em vez de deixar ali um buraco não muito maior do que sua própria circunferência, abriu um rombo de dois metros de altura por outros dois de largura. A mulher esperou até que o ruído de estilhaços caindo ao chão cessasse, mas nem bem isso aconteceu e, dos fundos da loja, soou o agudo intermitente de um alarme contra roubo, troando no silêncio da manhã. Ela ficou ali empertigada, removendo sem pressa os estilhaços de vidro que tinham aderido à parte da frente de seu casaco, depois balançou vigorosamente a cabeça, como se emergindo de um mergulho, agora para se livrar dos fragmentos de vidro ali emaranhados. Recuou, apanhou a sacola e dispôs as alças sobre os ombros. Dando-se conta de como lhe tremiam os joelhos, foi até um dos pilares baixos que sustentavam as correntes do monumento e ali se sentou.

Ela não chegara de fato a imaginar o tamanho que teria o buraco, mas ficou surpresa quando viu o resultado final, grande o bastante para que um homem passasse por ele. Ramificações finas como teias de aranha se espraíavam pela vitrine estilhaçada, do centro para os cantos; o vidro em torno do buraco era leitoso e opaco, mas os cacos pontiagudos que apontavam para o centro não deixavam de ser perigosos.

Às suas costas, na cobertura à margem esquerda do canal, algumas luzes se acenderam e, em seguida, também se iluminou o apartamento logo acima do alarme que ainda soava. O tempo ia passando, mas ela não parecia estar preocupada com isso, curiosamente: o que tivesse de acontecer iria acontecer, não importava se a polícia demorasse ou não para aparecer por ali. O barulho, porém, a incomodava. Um berro agudo destruindo a paz noturna. Mas afinal, pensou, não era disso exatamente que se tratava, da destruição da paz?

Algumas venezianas se abriram, três cabeças apareceram e imediatamente desapareceram, novas luzes se acenderam. Era impossível dormir enquanto o alarme continuasse

a trombetear que o crime campeava na cidade. Dez minutos depois, chegaram correndo dois policiais, um deles com a pistola em punho. Ele foi até o buraco na vitrine estilhaçada e gritou: “Quem quer que seja aí dentro, é melhor sair agora. É a polícia”.

Não aconteceu nada. O alarme continuava soando.

Ele gritou mais uma vez e, como continuou sem receber resposta, virou-se para o parceiro, que deu de ombros e balançou a cabeça. Pôs então a pistola de novo no coldre e se aproximou um pouco mais da vidraça estilhaçada. Acima dele, uma janela se abriu e alguém berrou: “Não dá pra vocês desligarem essa droga de alarme?”. Outra voz contrariada seguiu-se: “Eu quero dormir um pouco”.

O segundo policial se aproximou do parceiro e os dois espionaram lá dentro; então o primeiro levantou o pé e afastou com um chute as pequenas estalagmites de vidro que despontavam perigosamente da parte de baixo da vitrine. Pularam juntos para dentro e sumiram pelos fundos. Passaram-se alguns minutos sem que nada acontecesse. Foi quando as luzes no escritório se apagaram e o alarme silenciou no mesmo instante.

Os policiais voltaram ao salão, um deles iluminando o caminho com uma lanterna. Olharam em volta para ver se algo tinha sido levado ou destruído e, em seguida, voltaram ao *campo* pelo buraco na vitrine. Foi só então que notaram a mulher sentada ao pilar de pedra.

O policial que chegara empunhando a pistola foi até ela. “Por favor, a *signora* viu o que aconteceu?”

“Sim.”

“E o que foi? Quem fez isto?” Ao ouvir as perguntas do parceiro, o outro policial se aproximou, feliz por terem encontrado uma testemunha, o que aceleraria as coisas, evitando que tivessem de tocar campainhas e interrogar as pessoas, pois agora teriam uma descrição dos fatos e poderiam sair desse frio úmido de outono e voltar ao conforto morno da *questura* para escrever seu relatório.

“Quem foi?”, perguntou o primeiro.

“Alguém jogou uma pedra na vitrine”, disse a mulher.

“Como é que ele era?”

“Não foi um homem”, ela respondeu.

“Uma mulher?”, interrompeu o segundo policial, e ela se conteve para não perguntar se haveria talvez alguma alternativa que ela desconhecesse. Sem gracinhas. Nada de gracinhas. Não haveria mais gracinhas, não até que tudo isso tivesse acabado.

“Sim, uma mulher.”

Trocando um olhar agudo com o parceiro, o primeiro policial perguntou de novo: “E como é que ela era?”.

“Uns quarenta anos, cabelos loiros, à altura dos ombros.”

Os cabelos dela estavam cobertos por uma echarpe, o que fez com que o policial não entendesse de pronto. “E o que ela estava vestindo?”, ele perguntou.

“Casaco e botas marrons.”

Ele notou a cor do casaco que ela usava, então olhou para baixo, para os pés dela. “Sem brincadeiras aqui, *signora*. Queremos saber como é que ela se parecia.”

Ela o encarou, e sob a luz dos postes de rua ele vislumbrou o brilho de algum ímpeto secreto nos olhos dela. “Eu não estou brincando, policial. Era isso o que ela vestia.”

“Mas a senhora está descrevendo a si mesma, *signora*.” Uma vez mais, seu alarme interno contra melodramas a impediu de dizer: “Se tu o dizes”. Em vez disso, ela apenas confirmou balançando a cabeça.

“Foi a senhora?”, perguntou o primeiro policial, incapaz de disfarçar seu espanto.

De novo ela confirmou.

O segundo foi mais direto. “A senhora jogou uma pedra naquela vitrine?”

E pela terceira vez ela assentiu.

Eles não precisaram dizer nada; afastaram-se até onde ela não os pudesse ouvir, sem, no entanto, tirar os olhos dela. Com os rostos bem próximos um do outro, conversaram em voz baixa por um momento, depois um deles

pegou o celular e ligou para a *questura*. Acima deles, uma veneziana se abriu e uma cabeça apareceu, mas logo se recolheu. A janela bateu com um estrondo.

O policial falou por alguns minutos, informando tudo o que sabia, inclusive que já haviam detido a pessoa responsável. Quando o sargento de plantão pediu que o levassem até ele, o policial não se incomodou em corrigi-lo. Em seguida, desligou o aparelho e pôs de volta no bolso de sua jaqueta. “O Danieli pediu que eu a levasse até lá”, disse ao parceiro.

“Então eu vou ter que ficar por aqui?”, perguntou o outro, sem fazer o mínimo esforço para disfarçar sua irritação por ter de ficar esperando ali naquele frio.

“Você pode esperar lá dentro. O Danieli já está ligando para o proprietário. Acho que ele mora aqui por perto.” Passou o celular para o parceiro. “Ligue para nós se ele não aparecer.”

Aparentando uma gentileza forçada, o segundo policial recebeu o telefone com um sorriso. “Vou ficar até ele aparecer, mas da próxima vez eu que levo o suspeito.”

Seu parceiro sorriu e balançou a cabeça afirmativamente. Restabelecida a concórdia, os dois voltaram até a mulher que, no curso da longa discussão entre eles, permanecera exatamente onde estava, sentada encostada no pilar, os olhos apreciando a vitrine danificada e os cacos de vidro que tinham se espalhado à sua frente em uma espécie de arco-íris monocromático.

“Me acompanhe”, disse o primeiro policial.

Em silêncio, ela se levantou e se pôs a caminhar até uma estreita *calle* à esquerda da vitrine destruída. Nenhum dos policiais pareceu notar que ela sabia qual era o caminho mais curto para a *questura*.

Os dois permaneceram calados durante os dez minutos de caminhada. Se alguma das pouquíssimas pessoas que os viram pelo caminho tivesse se ocupado em prestar atenção a eles enquanto caminhavam sob a parte coberta da *piazza* San Marco, e dali para a estreita *calle* que leva-

va à San Lorenzo e à *questura*, teria notado uma mulher atraente e bem-vestida caminhando ao lado de um policial uniformizado. Algo estranho de ver às quatro da madrugada, mas talvez a casa dela tivesse sido assaltada ou ela tivesse sido chamada para identificar uma criança perdida.

Não havia ninguém à espera deles, e o policial teve de tocar a campainha várias vezes até que o rosto sonolento de um jovem policial aparecesse na cabine que ficava à direita da porta de entrada. Assim que os viu, voltou para dentro. Retornou alguns segundos depois, vestindo seu paletó enquanto abria a porta e balbuciava um pedido de desculpas. “Ninguém me avisou que vocês estavam chegando, Ruberti.” Ruberti recusou as desculpas do outro, mas em seguida acenou-lhe indicando que voltasse para a cama, lembrando-se de como era ser um novato na corporação e sofrer de um cansaço profundo.

Depois, levou a mulher pelas escadas à esquerda até o primeiro andar, onde ficavam as salas dos oficiais. Abriu a porta, segurando-a gentilmente enquanto ela entrava, e a acompanhou até o interior de um gabinete, onde se sentou à mesa. Abriu a gaveta da direita, tirou dali um bloco pesado de formulários, jogou-o sobre a mesa diante deles, olhou fixo para a mulher e, com um gesto de mão, indicou a ela que se sentasse na cadeira à sua frente.

Enquanto ela se sentava e desabotoava o casaco, ele preenchia a parte de cima do formulário com a data, a hora, seu nome e patente. Ele se deteve por um momento no item “Crime”, e então cravou “vandalismo” no retângulo vazio.

Olhou para ela e foi então que, pela primeira vez, pôde enxergá-la nitidamente. Estava intrigado com algo que para ele não fazia nenhum sentido: como tudo nela — suas roupas, seus cabelos, até mesmo o jeito dela sentar — transmitia uma autoconfiança que somente o dinheiro, muito dinheiro, poderia proporcionar. “Que ela não seja uma louca”, rogou ele em silêncio.

“A *signora* está com a sua *carta d’identità*?”

Ela fez que sim com a cabeça e procurou em sua sacola. Em nenhum momento ocorreu ao policial que podia ser perigoso permitir a uma mulher que acabara de prender por um crime relativamente violento remexer em uma grande sacola, procurando algo lá dentro.

A mão dela emergiu empunhando uma carteira de couro. Ela a abriu, tirando dali uma carteira de identidade marrom, que colocou com a face para cima na mesa em frente ao policial.

Ele deu uma espiada na foto, notando que parecia ter sido tirada há muito tempo, quando ela ainda era de fato bonita. Foi então que ele viu o nome. “Paola Brunetti?”, ele perguntou, incapaz de disfarçar o seu espanto.

Ela assentiu.

“Jesus Cristo, a senhora é a esposa do Brunetti.”